#### Perseguição

Paulo André T.M.Gomes

Meia noite, cansado e com sono, lá estava eu, andando pelas ruas sujas e desertas dessa cidade. Minhas únicas companhias eram a Lua e alguns animais de vida noturna. Num canto havia um cão e um gato tentando encontrar alimentos, revirando latas de lixo. Em outro ponto da rua, ratos entravam e saíam de um esgoto próximo à padaria da esquina. Eu estava tentando lembrar por que havia saído tão tarde do emprego, quando ouvi uns passos atrás de mim.

Caminhei mais depressa, sem olhar para trás. Comecei a tremer e a suar frio. Coração acelerado. Aqueles passos não paravam de me perseguir. Virei depressa. Não havia nada além de sombras. O medo aumentou. Ou eu estava enlouquecendo, ou estava sendo seguido por algo sobrenatural.

Corri desesperadamente. Parei na primeira esquina, ofegante. Olhei novamente. Nada! Continuei a andar, tentando manter a calma. Faltava pouco pra chegar a minha casa.

Já mais tranquilo, parei, finalmente, em frente à minha porta. Peguei a maçaneta, ainda um pouco trêmulo devido ao susto e à corrida. Quando a girei, a porta não abriu. Provavelmente meus pais já estavam dormindo. Procurei minhas chaves em todos os bolsos que tinha. Não encontrei.

Os passos recomeçaram. O medo voltou em dobro. Estava meio tonto. Não conseguia manter-me de pé. O mundo girava vertiginosamente. Tentei gritar, mas a voz não veio. Aquele som se aproximava cada vez mais. Não havia saída. Juntei, então, todas as minhas forças e, num movimento brusco… Caí da cama e acordei!

##### Conto de Mistério

##### Stanislaw Ponte Preta

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível a qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à guisa de senha. Parou debaixo do poste, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou:

Siga-me! – foi a ordem dada com voz cava. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal-iluminado e ele – a uma distância de uns dez a doze passos – entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era sepulcral. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de agricultor parecia ter medo do que ia fazer. Não hesitou – porém – quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: “É este”.

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. Um aceno de cabeça foi a resposta. Enfiou a mão no bolso, tirou um bolo de notas e entregou ao parceiro. Depois virou-se para sair. O que entrara com ele disse que ficaria ali.

Saiu então sozinho, caminhando rente às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um táxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

– Julieta! Ó Julieta… consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar triunfal. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo.

Ali estava: um quilo de feijão.

##### O Mistério assustador

Numa pequena cidade do interior havia um mistério nunca revelado. Todos os moradores tinham medo e andavam apavoradas. Trata-se de uma pequena casa abandonada, onde morou um antigo prefeito da cidadezinha. Após sua morte, os moradores passaram a ouvir estranhos barulhos de sua casa.

Gritos, portas se batiam eram alguns sons que todos ouviam ao se aproximar da casa. Certo dia, dois compadres resolveram entrar na casa que intrigava todos os moradores da pacata cidade.

Logo que se aproximaram da casa começaram a ouvir barulhos de portas batendo. Os dois ficaram muito assustados, mais não desistiram e entraram na casa. Perceberam que o barulho vinha do quarto, então subiram as escadas em direção ao quarto, respiraram fundo, criaram coragem e abriram a porta, mais não havia nada lá dentro.

Os dois compadres resolveram andar por toda a casa. Os barulhos continuavam cada vez mais altos. Eles entraram na biblioteca a porta se fecha e eles ficam paralisados com aquilo que veem. Eles soltam um grito de horror que é ouvido por todos da rua. Desde esse dia nunca mais se viu esses dois compadres.

E a cidade que tinha um grande mistério passou a ter dois, para o terror de todos os moradores.

#### Maria Angula

(Conto do Equador)

Maria Angula era uma menina alegre e viva, filha de um fazendeiro de Cayambe. Era louca por uma fofoca e vivia fazendo intrigas com os amigos para jogá-los uns contra os outros. Por isso tinha fama de leva-e-traz, linguaruda, e era chamada de moleca fofoqueira.

Assim viveu Maria Angula até os dezesseis anos, dedicada a armar confusão entre os vizinhos, sem ter tempo para aprender a cuidar da casa e a preparar pratos saborosos.

Quando Maria Angula se casou começaram seus problemas. No primeiro dia, o marido pediu-lhe que fizesse uma sopa de pão com miúdos, mas ela não tinha a menor ideia de como prepará-la.

Queimando as mãos com uma mecha embebida em gordura, ascendeu o carvão e levou ao fogo um cladeirão com água, sal e colorau, mas não conseguiu sair disso: não fazia idéia de como continuar.

Maria lembrou-se então de que na casa vizinha morava dona Mercedes, cozinheira de mão-cheia, e, sem pensar duas vezes, correu até lá.

- Minha cara vizinha, por acaso a sonhora sabe fazer sopa de pão com miúdos?

- Claro, dona Maria. É assim: primeiro coloca-se o pão de molho em uma xícara de leite, depois despeja-se este pão no cavalo e, antes que ferva, acrescentam-se os miúdos.

- Só isso?

- Só, vizinha.

- Ah - disse Maria Angula - mas isso eu já sabia!

- E voou para sua cozinha a fim de não esquecer a receita.

No dia seguinte, como o marido lhe pediu que fizesse um ensopado de batatas com toicinho, a história se repetiu:

- Dona Mercedes, a senhora sabe como se faz o ensopado de batatas com toicinho?

E com da outra vez, tão logo a sua boa amiga lhe deu todas as explicações, Maria Angula exclamou:

- Ah! É só? Mas isso eu já sabia! - E correu imediatamente para a casa a fim de prepará-lo.

Como isso acontecia todas as manhãs, dona Mercedes acabou se enfezando. Maria Angula vinha sempre com a mesma história: "Ah é assim que se faz o arroz com carneiro? Mas isso eu já sabia! Ah, é assim que se prepara a dobradinha? Mas isso eu já sabia!" Por isso a mulher decidiu dar-lhe uma lição e, no dia seguinte...

- Dona Mercedinha!

- O que deseja, Dona Maria?

- Nada, querida. Só que o meu marido quer comer no jantar caldo de tripas e bucho e eu...

- Ah!, mas isso é fácil demais! - Disse dona Mercedes. E antes que Maria Angula a interrompesse, continuou:

- Veja: vá ao cemitério levando um facão bem afiado. Depois espere chegar o último defunto do dia, e sem que ninguém a veja, retire as tripas e o estômago dele. Ao chegar em casa, lave-os muito bem e cozinhe-os com água, sal e cebolas. Depois que ferver uns dez minutos, acrescente alguns grãos de amendoim e está pronto. É o prato mais saboroso que existe.

- Ah! - disse como Maria Angula - É só? Mas isso eu já sabia!

E, num piscar de olhos, estava ela no cemitério, esperando pela chegada do defunto mais fresquinho. Quando já não havia mais ninguém por perto, dirigiu-se em silêncio à tumba escolhida. Tirou a terra que cobria o caixão, levantou a tampa e...Ali estava o pavoroso semblante do defunto! Teve ímpetos de fugir, mas o próprio medo a deteve ali. Tremendo dos pés à cabeça, pegou o facão e cravou-o uma, duas, três vezes na barriga do finado e, com desespero, arrancou-lhe as tripas e o estômago. Então voltou correndo para casa. Logo que conseguiu recuperar a calma, preparou a janta macabra que, sem saber, o marido comeu lambendo os beiços.

Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas.

Ela acordou sobressaltada. O vento zumbia misteriosamente nas janelas, sacudindo-as, e de fora vinham uns ruídos muito estranhos, de meter medo a qualquer um.

De súbito, Maria Angula começou a ouvir um rangido nas escadas. Eram os passos de alguém que subia em direção ao seu quarto, com um andar dificultoso e retumbante, e que se deteve diante da porta. Fez-se um minuto eterno de silêncio e logo depois Maria Angula viu o resplendor fosforescente de um fantasma. Um grito surdo e prolongado paralisou-a.

- Maria Angula, devolva minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da santa sepultura!

Maria Angula sentou-se na cama, horrorizada, e, com os olhos esbugalhados de tanto medo, viu a porta se abrir, empurrada lentamente por essa figura luminosa e descarnada.

A mulher perdeu a fala. Ali, diante dela, estava o defunto, que avançava mostrando-lhe o seu semblante rígido e o seu ventre esvaziado.

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha santa sepultura!

Aterrorizada, escondeu-se debaixo das cobertas para não vê-lo, mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando:

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha santa sepultura!

Quando Manuel acordou, não encontrou mais a esposa e, muito embora tenha procurado por ela em toda parte, jamais soube do seu paradeiro.

##### Abad Alfau e a caveira

##### Conto da Colômbia

Até mais ou menos o ano de 1905, via-se no alto da parede chanfrada da igreja do convento de São Domingos, que ficava na esquina da rua dos Estudantes com a rua da Universidade, na capital Dominicana, um nicho vazio, que desapareceu com a parede quando esta foi derrubada.

Entretanto, nem sempre esse nicho esteve vazio. Dentro dele, apoiada num pequeno suporte de ferro, havia outrora uma caveira, visível durante o dia graças à luz do sol e durante a noite graças à luz de uma lamparina de azeite pendurada no alto e que sempre era acesa ao toque do Ângelus, ao entardecer. Embaixo, como se fossem palavras saídas da boca da caveira, lia-se numa lápide rústica, em letras comuns, quase ilegíveis, escritas em preto:

Oh, tu, que passando vais,

Fixa os teus olhos em mim.

Qual tu te vês eu me vi.

Qual me vejo, tu te verás.

Muito tempo transcorreu sem que a caveira nem o verso chamassem a atenção do público. Até a noite que um morador do bairro, a caminho de casa, ouviu um ruído proveniente da caveira e, ao voltar os seus olhos para ela, observou que se mexia, inclinando-se para frente ou virando-se de um lado para o outro, como se dissesse:

— “Sim, sim...” “Não, não...”

Ao ver tal coisa, saiu em disparada até chegar em casa.

A caveira, que àquela altura já não merecia sequer o olhar indiferente dos transeuntes, passou a ser, no dia seguinte, o tema de todas as conversas. Os prudentes não se aventuravam a passar de noite nas proximidades do convento. E os valentes que se atreviam a fazê-lo juravam que a caveira se mexia dizendo: “Sim, sim...” ”Não, não...” E ainda acrescentavam que ela movia as mandíbulas, que ria fazendo um barulho parecido ao das castanholas e uma porção de outras histórias.

Durante o dia, a caveira ficava quietinha. Por isso, o encarregado de acender e apagar a lamparina fazia isso sempre de tarde ou de manhã. O problema era de noite.

Os que moravam por ali, davam uma volta enorme para chegar em casa, a fim de se livrarem de ver a caveira. Nem mesmo os guardas da polícia militar ousavam se aproximar dessa esquina do medo.

Certa noite, desafiando o seu próprio temor, um desses guardas caminhou nessa direção e, ao ver os meneios da caveira, correu espavorido sem parar até o portão do quartel.

Abad Alfau tinha então dezenove anos e era subtenente do batalhão que guarnecia a praça de São Domingos. Estava de serviço na noite em que o guarda correu de medo da caveira, e ficou muito contrariado. Na noite seguinte, soube que um outro guarda havia dado uma volta para fugir da bruxaria da esquina e ficou mais contrariado ainda.

— Ou acabo com essa palhaçada ou não me chamo Abad Alfau! – afirmou ele.

No dia seguinte, muniu-se de uma espada e esperou que anoitecesse. Mais ou menos às onze horas, dirigiu-se ao tal lugar que tantos temores provocava, levando uma espada na mão e acompanhado de dois soldados. Estavam a poucos metros da caveira, quando começaram os remelexos.

— Ponham a escada na esquina! – ordenou Abad, antes que o medo paralisasse os seus companheiros.

De espada na mão, começou a subir. A cada degrau que subia, os movimentos da caveira para frente e para os lados ficavam mais violentos. Quando o subtenente já estava bem próximo dela, a caveira se mexia tanto que parecia querer girar sobre si mesma e de dentro dela saíam uns guinchos agudos. O jovem oficial, no entanto, continuava imperturbável. Finalmente, tão próximo do nicho que poderia alcançá-lo com os dedos, apoiou com força os pés num degrau enquanto com a mão esquerda se agarrava ao degrau mais alto, jogou o corpo para trás e, levantando a espada, acertou-lhe duas pranchadas que a fizeram dar várias voltas.

E aí se desfez o mistério. Porque debaixo da caveira saiu um rato de mais ou menos um palmo de comprimento, que pulou do nicho para a rua e se perdeu na escuridão da noite, enquanto Abad Alfau, descendo, exclamava:

— Bicho safado!

##### O médico-fantasma

 Esta história tem sido contada de pai para filho na cidade de Belém do Pará. Tudo começou numa noite de lua cheia de um sábado de verão. Dois garotos conversavam sentados na varanda da casa de um deles.

 – Você acredita em fantasma?- perguntou o mais novo.

 – Eu não!- disse o outro.

 – Acredita sim!- insistiu o mais novo.

 – Pode apostar que não – replicou o outro.

 – Tudo bem. Aposto minha bola de futebol que você não tem coragem de entrar no cemitério à noite.

 – Ah, é?- disse o garoto que fora desafiado. – Pois então vamos já para o cemitério, que vou provar minha coragem.

 Assim, os dois garotos foram até a rua do cemitério. O portão estava fechado. O silêncio era profundo. Estava tão escuro… Eles começaram a sentir medo.

 Para ganhar a aposta, era preciso atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério. O garoto que tinha topado o desafio correu. Parou na frente do portão e começou a fazer caretas para o amigo. Depois se encostou no portão e tentou bater a mão nele. Foi quando percebeu que a camiseta estava presa.

 – Socorro! Alguém me ajude!- ele gritou, desmaiando em seguida.

 Nisso, apareceu um velhinho vindo do fundo do cemitério, abriu o portão e chamou o outro menino.

 – Seu amigo prendeu a manga da camisa no portão e desmaiou de medo. Coitadinho pensou que algum fantasma o estivesse segurando.

 O garoto reparou que o velhinho era muito magro, quase transparente.

 – Obrigado. Como é que o senhor se chama?

 – Eu sou o médico daqui. Vou acordar seu amigo.

 O velhinho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e ele despertou no mesmo instante.

 – Vão para casa meus filhos- ele disse. – Já passou da hora de dormir.

 No dia seguinte, os meninos foram procurar o velhinho para agradecer-lhe a ajuda. Mas não o encontraram, nem no cemitério, nem em lugar nenhum. E foi assim que ambos perderam o medo de fantasma,quando perceberam que nem todos os seres misteriosos fazem o mal. Pelo contrário, podem até ajudar. Como aquele médico, que nunca mais apareceu.

PRIETO, Heloisa. Lá vem história outra vez – Contos do folclore mundial. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1997.

#### DANÇANDO COM O MORTO

#### Angela Lago

A viúva estava na cozinha com o filho, contando o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles. A mulher não se intimidou:

- O que é que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

- Nem pensar- disse o morto. – Estou me sentido vivinho.

A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.

- É... estou abatido. Deve ser falta de exercício – disse o falecido.

E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela, é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou a dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

- Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

- Mais depressa, que eu também vou dançar- ela resolveu.

E começou a requebrar e saltar e jogar a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo. A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.

Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:

- Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.

Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para eu o morto nunca mais escapulisse.

Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.

Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.

- Cadê!?!

- Uai, mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

#### O LAÇO DO DIABO

Conto Popular

Lá para as bandas de Rio Negro [MS] havia três jovens malvados. Todas as manhãs, bem cedo, entravam na mata e caçavam tudo o quanto era bicho. Caçavam com espingarda de chumbo grosso e levavam de reserva espingarda de cartucho e até revólveres. Matavam arara, papagaio, tucano, bem-te-vi, joão-de-barro, sabiá, sanhaço, pintassilgo, coruja, pica-pau, garça, quero-quero, pato-do-mato e qualquer ave que encontrassem pela frente. Matavam também bicho grande que nem tamanduá, tatu, gambá, bicho-preguiça, veado, capivara, paca, preá, e anta.

Você já notou que eles caçavam por caçar, matavam por puro divertimento. Disputavam quem tinha melhor pontaria, quem acertava num tiro só.

Um dia, como todos os outros, saíram bem cedo para a caçada. Já estavam no meio da mata, quando escutaram uma voz cavernosa gritando no fundo do mato:

— Olha o laço!

Os três estranharam. E a voz continuou:

— Olha o laço!

Pararam. Olharam para todos os lados e não viram nada, e a voz de novo:

Olha o laço!

Esperaram que a voz se manifestasse de novo, mas agora nada. Passado o espanto, passaram a rir achando uma tremenda graça aquela voz. Um deles disse:

— Vamos procurar o tal laço pra gente vê como é que é?

Os outros acharam uma boa idéia. E se embrenharam na mata atrás do tal laço. E andaram que andaram e nada do tal laço. Quanto mais andavam, mais a floresta ia ficando escura e cheia de sombras. Pararam numa clareira. Debaixo de um imenso pé de cedro e ali, bem próximo ao tronco, encontraram, em vez do laço, três sacos de dinheiro. Pularam de alegria dando tiros para o alto:

— Tamo podre de rico! — Disse o mais velho.

Resolveram, então, fazer uma combinação. Enquanto o mais novo ia a cidade comprar uma bebida para comemorarem, os outros dois ficariam na clareira tomando conta do dinheiro. Assim foi feito.

O mais velho deles, olhando todo aquele dinheiro, pensou:

“Por que tenho de dividir esse dinheiro com os outros? Vou passar fogo no do meio e quando o mais novo voltar, eu dou cabo nele também. Assim, fico com toda essa riqueza.”

Dito e feito. Pegou sua espingarda e passou fogo no companheiro. Enterrou o corpo ali mesmo. Depois fez um cigarrinho de palha e ficou esperando o mais moço debaixo do jatobá.

Acontece que o mais moço, lá na cidade, teve idéia parecida:

“Levo o vinho com veneno. Assim os dois bebem, morem e eu fico com todo o dinheiro.”

Não fez por menos. Comprou um garrafão de vinho, encheu de veneno de rato e voltou para dentro do mato.

Quando chegou ao jatobá, seu destino já estava traçado, levou um tiro de espingarda e morreu.

O mais velho, então, assentou numa pedra para descansar.

— Agora sim! — disse, olhando para os sacos de dinheiro — Fiquei rico. Não vou trabalhar nunca mais. Vou comprar fazendas, casas, carros, jóias... Vou viver como um rei!

Dizendo isso, arrancou a rolha do garrafão de vinho e num gole só bebeu uma boa quantidade do líquido. Foi beber e cair duro no chão.

Assim o laço do diabo terminou de apertar seu nó. ®Sérgio.

##### A PROCISSÃO DOS MORTOS

Dizem que há uns anos atrás, morava na Rua do Maranhão, em Valença, Prisilina, uma daquelas beatas velhas de igreja que nada têm de cristãs e que passam a noite olhando os acontecimentos da vida noturna para no dia seguinte fuxicar da vida alheia.

Certa vez, em uma quarta-feira de cinzas, estava lá a velha na janela . Já passava da meia noite, quando ao longe, viu uma procissão se aproximando. A velha estranhou na hora, pois sabia tudo que acontecia na cidade e, com certeza, não havia nenhuma procissão marcada para aquele dia, quanto mais àquela hora. Como frequentava a igreja, que era ali pertinho, sabia que o padre sempre mandava tocar o sino antes de uma procissão.

Mas seus olhos não podiam estar lhe enganando. era, de fato, uma procissão que vinha ali. E que procissão mais estranha. Toda a gente com uma longa túnica branca, com a cabeça coberta por um capuz da mesma cor. Como a noite estava escura e o capuz sombreava o rosto não dava pra identificar quem eram as pessoas. À frente do cortejo vinha um padre esquisito: alto, magro e pálido, com olheiras sob os olhos, o sacerdote, que não era o mesmo que a velha costumava ver nas missas da paróquia, usava uma batina preta e levantava acima da cabeça uma enorme cruz invertida.

Prisilina, como toda boa fuxiqueira, ficou olhando a estranha procissão por longo tempo, até que, quando já estava perto do fim, alguém para na janela da velha e lhe entrega uma vela, recomendando, com voz gélida, que guardasse a mesma que retornaria na noite seguinte para buscar. A mulher estranhou mas assim fez. Guardou a vela e, como a procissão chegava ao fim, foi dormir.

No dia seguinte, ao acordar, resolveu checar se aquilo não havia sido um sonho. A velha ficou branca como o manto daqueles que caminhavam na procissão: no lugar da vela havia agora um fêmur humano. O susto foi tão grande que a velha caiu dura no chão . Ao acordar, corre à casa do Padre Acelino, que lhe informa de que, de fato, não houve nenhuma procissão, e recomenda à velha que passe o dia a orar muito afim de afastar a assombração antes que ela volte como prometido.

Assustada, a velha põe-se a rezar. Reza sem parar o dia inteiro segurando as contas do rosário nas mãos, até que, à noite, na mesma hora do dia anterior, a alma penada retorna à janela, e demonstrando estar chateada, recebe o osso de Prisilina. “Rezar foi a tua salvação! Essas são as horas da noite em que os mortos pagam suas penitências. Cuide de dormir cedo, pois a procissão dos mortos não deve ser vista pelos viventes”. Logo que a entidade segue seu caminho, a procissão desaparece perante os olhos incrédulos de Prisilina.

A velha nunca mais ficou curiando a rua tarde da noite. Dizem que hoje ela recomenda que não o façam. A lição de que não se deve receber nada de estranhos é antiga, mas a velha fuxiqueira, em sua curiosidade, pagou o preço. Fato é que nunca mais Prisilina ficou na janela tarde da noite, e, ao menos na quarta-feira de cinzas, é certeza que nenhuma fuxiqueira se atreve a vigiar as ruas…

##### A COISA

##### (Ruth Rocha)

A casa do avô Alvinho era uma casa dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia o Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam.

Pegou uma lanterna, que as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que ele foi, voltou aos berros:

\_ Fantasma! Uma coisa horrível!

\_Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga!

Ninguém acreditou, está claro!

Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho:

\_ A Coisa! \_ Ele gritava. \_ A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família começou a acreditar. E o tio Gumercindo resolveu investigar.

E voltou como os outros, correndo e gritando.

\_ A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo.

Dona Julinha, a avó do Alvinho, era a única que não estava impressionada:

\_ Deixe de bobagens, Alvinho. Pra que este medo!

Fantasma não existe!

\_ Mas o meu medo existe!

\_ Está bem, eu vou - Disse Dona Julinha, eu vou ver o que é que há…

E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo.

Ela foi descendo as escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda a trás assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse la o que fosse.

Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... Um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasma, mas tinha medo de raios…)

Um dia o lençol desprendeu e caiu e se transformou na. Coisa…

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma Coisa diferente no espelho.

E todos eles pensavam que tinha visto… A Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não.

Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

##### A Menina e o Vampiro

##### (Emílio Carlos)

Era uma vez uma menina chamada Patrícia que adorava sair para brincar na rua longe da sua mãe.

A mãe sempre avisava:

- Patrícia: não vá muito longe.

Mas não adiantava. Patrícia não obedecia.

Começou brincando perto de casa, com os vizinhos de perto. Logo estava brincando no fim da rua.

Depois no outro quarteirão. E no outro.

A mãe saía atrás da Patrícia:

- Patrícia! Hora de fazer tarefa!

E às vezes sabe o que a menina fazia? Se escondia atrás de uma árvore ou de um muro para a mãe não vê-la e ela não ter que fazer tarefa.

Um dia Patrícia saiu de casa depois do almoço. Foi brincando e brincando cada vez mais longe. E quando deu por si estava em outro bairro, sozinha, longe de tudo que ela conhecia.

Para piorar estava anoitecendo e a Patrícia longe de casa. Era a primeira vez que ela ia tão longe.

- Deixe-me ver: se eu for reto aqui saio na rua do meu bairro.

E como tinha descoberto o caminho de casa começou a andar lentamente de volta, brincando pelo caminho.

A noite caiu e Patrícia continuava a andar de volta. Passou por um beco escuro e nem percebeu que dois olhos brilhantes a observavam.

A menina ia calmamente pela rua. E do beco escuro saiu um vulto que ia atrás dela. A menina andava tranquila. E o vulto a acompanhava de perto.

De repente o vulto pisou no rabo de um gato, que gritou. Patrícia olhou para trás e viu pelo rabo dos olhos o vulto se aproximar. E começou a andar mais rápido.

O vulto também começou a andar mais rápido. Patrícia apertou o passo e o vulto também. Patrícia olhou para trás e pode ver o brilho de dois dentes caninos pontiagudos. Agora ela tinha certeza: era um vampiro que estava atrás dela!

Patrícia começou a correr. E o vulto também corria. Só que como ele era adulto corria mais que ela.

E estava se aproximando rápido. Rápido. Cada vez mais rápido.

Patrícia corria, mas não conseguia fugir. O vampiro estava bem perto dela agora. Patrícia estava quase ao alcance das mãos do vampiro. E corria o mais que podia.

O vampiro até deu uma risada enquanto ia pra cima da menina. Por sorte nessa hora o vampiro pisou numa casca de banana e caiu de cabeça no chão. Ficou meio tonto e Patrícia conseguiu chegar na rua de sua casa.

Entrou em casa como um foguete e fechou a porta atrás dela. Contou toda história para sua mãe e prometeu:

- De hoje em diante só brinco no portão de casa.

##### Bruxas não existem

##### Moacyr Scliar

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caindo aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!".

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil.

Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

 – Vamos logo - gritava o João Pedro –, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

##### Caio

##### Angela Lago

Em bom despacho tinha uma fazenda à venda, mas ninguém queria comprar: era mal assombrada.

Quando o preço chegou lá embaixo, veio de Luzes um comprador para fechar o negócio.

O caseiro aconselhou o homem a passar a noite na fazenda e deixar a decisão para o dia seguinte. E o homem ficou para dormir.

De madrugada, acordou com uma voz cavernosa:

\_ Caio? Caaaaaaaaio? \_ a voz repetia.

Acontece que o homem se chamava Caio. Ele estranhou muito e foi com custo que gaguejou:

 \_ A-a-a-qui.

E na mesma hora um osso de perna caiu em cima dele.

O homem gelou. Mas não adiantava correr, a assombração sabia até o seu nome. Melhor era continuar deitado e se cobrir todinho.

Dali a pouco o vozeirão começou:

\_ Caaaaaaaaaaio? Caaaaaio?

E se a assombração não soubesse o nome dele coisa nenhuma e estivesse só perguntando se podia cair? Por via das dúvidas, Caio murmurou:

\_ Sim.

Caiu outro osso. E Caio matutava. Será que a assombração estava pensando que ‘’ Sim’’ queria dizer ‘’sim, pode cair’’ ou ‘’Sim, sou eu, o Caio’’? Resolveu desvendar a questão de uma vez por todas.

\_ Eu!

Caiu mais um osso.

De novo:

\_ Caaaaaaaaio? Caaaaaaaaaaaaaaaaaio?

E o Caio, para testar:

 \_ Cai!

Caiu outro osso. Aí o Caio começou a achar que a assombração estava gozando a cara dele.

 \_ Caiiiuuuuuuu!? \_ por coincidência, a assombração desafinou nessa hora.

O homem teve um treco. Deu dois tiros para o alto. Chorando nervoso:

\_ Cai, mas cai logo, que eu não aguento mais essa história!

E para sua surpresa, quem despencou do forro do teto foi o caseiro, que não queria dono novo na fazenda onde ele gostava de vadiar.

###### O mistério da Casa Mágica

###### (Ariane Bomgosto)

Há muito tempo, na pequena vila de Águas Claras, todos viviam na mais perfeita harmonia. As famílias se conheciam umas às outras, as crianças brincavam juntas perto do riacho e costumavam se reunir à noite, em frente à casa abandonada, que ficava no alto de uma colina. A casa era o mistério da vila, pois nunca alguém havia entrado lá e voltado para contar como era. Uma das menininhas de Águas Claras, porém, era muito curiosa e faminta. Seu nome era Molly. E todas as vezes que passava em frente à velha casa, davam uma espiadinha e tinha vontade de entrar.

Os pais diziam aos filhos que na casinha não morava ninguém, mas Molly sabia que não era verdade, pois sempre que passava por ali sentia um cheiro tão gostoso que era impossível não parar e ficar sonhando com o que estava sendo feito naquela cozinha. O cheirinho saía da chaminé e impregnava todo o vilarejo, mas os mais velhos continuavam a dizer que não havia ninguém cozinhando ali dentro.

Molly nunca tinha visto a dona da “casinha mágica” – como ela gostava de chamar -, até que um dia tomou coragem e bateu à porta:

- Quem é?, Respondeu de dentro uma voz cansada.

- Sou eu, a Molly, disse a pequena. Meus pais dizem que aí não mora ninguém, mas eu sei que a senhora existe e gostaria de conversar um pouco.

- Vá embora Molly, nenhum dos pais nunca deixará que seus filhos conheçam a minha velha casa.

- Não vou não, retorquiu Molly. O cheiro que vem daí é muito bom e eu estou faminta. Se abrir, posso comer um pedaço de bolo e depois eu vou embora. Ninguém vai descobrir.

Uma velhinha com uma cara bondosa abriu devagar a porta. Quando a pequena Molly olhou ao redor, ficou maravilhada. Havia biscoitos em forma de coração por toda a casa, chocolates borbulhando nas panelas e umas bolachas dentro de uns potinhos. Ainda tinha o mel feito na hora

que jorrava sem parar de dentro das vasilhas em formato de ursinhos. Mas o que mais surpreendeu Molly foram as árvores no fundo do quintal cheinhas de frutas fresquinhas, que podiam ser tiradas do pé e deliciadas na hora.

- Por que a senhora não abre a sua casa para que todos venham aqui ver todos estes quitutes maravilhosos? Indagou Molly.

- Ah, pequena Molly, infelizmente nem todas as pessoas pensam como você, falou a velhinha. Todos os pais de Águas Claras acham que o ato de cozinhar assim, por puro prazer, é um pecado, e não deixam que seus filhos venham me visitar!

- Pois a partir de hoje, falarei a todas as crianças que no alto deste vale existe uma pessoa com mãos de fadas, falou empolgada a menininha. E todos, crianças e adultos, virão aqui provar todas estas iguarias. E eu garanto, quando entrarem aqui e virem que linda casa você tem, não haverá mais preconceito com a senhora nem com as delícias que faz.

Dentro de poucos dias, Molly organizou uma festa e convidou a todos da vila. Não disse que as comidas seriam preparadas pela senhorinha misteriosa. Todos amaram as comidas e entenderam que é o amor o que dá o gosto especial aos alimentos. Desde então, a “casinha mágica” passou a ser visitada todos os dias por todos que queriam aprender a arte da culinária ou simplesmente comprar alguma das delícias. A pequena vila deixou de se chamar Águas Claras e passou a ter o nome de “Casa Mágica”, em homenagem à senhora que lá vivia. Depois desse dia, o mundo inteiro quis conhecer “Casa Mágica” e a vila ficou pequena para tantos visitantes.

##### TESTEMUNHA TRANQUILA

##### Autor: Stanislaw Ponte Preta

O camarada chegou assim com ar suspeito, olhou pros lados e – como não parecia ter ninguém por perto – forçou a porta do apartamento e entrou. Eu estava parado olhando, para ver no que ia dar aquilo. Na verdade eu estava vendo nitidamente toda a cena e senti que o camarada era um mau-caráter.

E foi batata. Entrou no apartamento e olhou em volta. Penumbra total. Caminhou até o telefone e desligou com cuidado, na certa para que o aparelho não tocasse enquanto ele estivesse ali. Isto – pensei – é porque ele não quer que ninguém note a sua presença: logo, só pode ser um ladrão, ou coisa assim.

Mas não era. Se fosse ladrão estaria revistando as gavetas, mexendo em tudo, procurando coisas para levar. O cara – ao contrário – parecia morar perfeitamente no ambiente, pois mesmo na penumbra se orientou muito bem e andou desembaraçado até uma poltrona, onde sentou e ficou quieto:

— Pior que ladrão. Esse cara deve ser um assassino e está esperando alguém chegar para matar – eu tornei a pensar e me lembro (inclusive) que cheguei a suspirar aliviado por não conhecer o homem e – portanto – ser difícil que ele estivesse esperando por mim. Pensamento bobo, de resto, pois eu não tinha nada a ver com aquilo.

De repente ele se retesou na cadeira. Passos no corredor. Os passos, ou melhor, a pessoa que dava os passos, parou em frente à porta do apartamento. O detalhe era visível pela réstia de luz, que vinha por baixo da porta.

Som de chave na fechadura e a porta se abriu lentamente e logo a silhueta de uma mulher se desenhou contra a luz. Bonita ou feia? – pensei eu. Pois era uma graça, meus caros. Quando ele acendeu a luz da sala é que eu pude ver. Era boa a pampas. Quando viu o cara na poltrona ainda tentou recuar, mas ele avançou e fechou a porta com um pontapé… e eu ali olhando. Fechou a porta, caminhou em direção à bonitinha e pataco… tacou-lhe a primeira bolacha. Ela estremeceu nos alicerces e pimba… tacou a outra.

Os caros leitores perguntarão: — E você? Assistindo àquilo sem tomar uma atitude? — a pergunta é razoável. Eu tomei uma atitude, realmente. Desliguei a televisão, a imagem dos dois desapareceu e eu fui dormir.

(Retirado do livro Dois amigos e um chato – páginas 17 e 18 (88) Stanislaw Ponte Preta, Editora Moderna).

#### A MORTE E O CAÇADOR

Há muito tempo, quando os bichos falavam e o que era perto era longe, mas o que era longe era perto, um caçador botou uma armadilha atrás de um cemitério, pra pegar um tatu esperto, que já tinha fugido dos seus sete cachorros de caça e de sete tiros de espingarda.

Por seis noites o caçador esperou o tatu, mas nada do bicho cair na armadilha. Foi aí, que na sétima noite o caçador já aborrecido com a armadilha, viu no escuro, alguém alto e magro, com roupas pretas, se aproximar.

\_Vai pisar na armadilha\_ pensou o homem.

E ouviu o grito do sujeito, que tinha ficado pendurado pela perna, balançando no ar.

\_Bem feito!\_disse baixinho o caçador, com um risinho maldoso.

E só de raiva, deixou o coitado por meia hora pendurado lá.

Mas quando foi soltar o tal sujeito de preto, o caçador levou o maior susto da sua vida! De perto ele viu que era um esqueleto, feito de ossos puros, que brilhavam na luz da lua.

Com uma voz assustadora o esqueleto disse:

\_Me tire daqui!

E o caçador, que já estava duro de medo, disse:

\_Quequequem é você?

\_Alguém que tem um encontro marcado com você à meia-noite.\_disse ele\_E ande logo, porque seu tempo está se esgotando.

\_O senhor se enganou.\_respondeu o caçador\_Meu encontro é com um tatu. E o senhor, quem é?

\_Eu sou a MORTE!

\_Ah, é?! Então o senhor vai ficar aí esperneando pra sempre.

A Morte ficou quieta, pensou, pensou e falou:

\_Eu faço um trato. Me tira daqui e eu realizo um pedido seu.

\_Trato feito! Meu pedido é esse: não quero morrer.

\_ Isso eu não posso fazer.\_disse a Morte\_Não sou eu quem escolhe quem vai e quem fica.

\_Então, boa noite. Passe bem.

E já ia saindo dali quando a Morte propôs:

\_Não te levo hoje e marcamos outro encontro.

\_150 anos, é o que eu quero.

\_É muito. Cem anos.

\_É pouco. 120 e não se fala mais nisso.

\_Tudo bem. 120. Fechado.

\_E não quero ficar doente, nem enrugado.

\_Certo. Agora me tira daqui, logo. Preciso trabalhar.

E o caçador tirou a morte do laço. A Morte arrumou a roupa, puxou o capuz sobre a caveira e juntou sua gadanha, que tinha caído longe. Pulou o muro do cemitério e sumiu.

Desse dia em diante, o caçador viveu novo, sem rugas nem cabelo branco. Todo mundo perguntava a ele o segredo da sua juventude, mas ele não respondia, só dava um sorrisinho e nada mais.

Os anos passaram rápido pra ele. E numa caderneta anotava cada ano que passava, até que chegou o último. Aí, começou a anotar os dias. No último dia, o caçador estava com dores de barriga, de tanto medo e pensava por que não tinha pedido mais tempo e feito um acordo melhor.

Foi aí que ele decidiu que ia enganar a Morte. Foi pro banheiro e fez a barba, depois raspou todo o seu cabelo e raspou também as sobrancelhas. Ficou muito estranho, vocês precisavam ver...

Se arrumou todo e foi para um baile.

A Morte já procurava por ele desde o começo da noite. Procurou por toda a cidade até que foi ao salão de baile. Olhou pra tudo que foi lado, perguntou, procurou, mas ninguém tinha visto o rapaz. Por fim acabou chegando perto dele e falou:

\_Você, dançarino animado, não viu o caçador?

\_Não\_disse ele, disfarçando a voz.

\_É um sujeito da sua altura, com cabelos pretos, e uma pintinha assim na bochecha, exatamente como essa aí\_e a Morte espetou o rapaz com a gadanha.

\_Vire esse troço pra lá! Já disse que não vi caçador nenhum!

A Morte ficou quieta, pensou e disse:

\_Bom, já que não encontro o caçador, vou levar você mesmo, carequinha.

\_Isso não é justo!\_gritou o rapaz.

\_Pensou que me enganava? Eu nunca me atraso pra um encontro.

E o que se ouviu foi o relógio do salão de baile bater meia-noite...